Nas "graças" da Religião midiatizada: análise discursiva do humor

Catiane Rocha Passos de Souza[1]

[1]Professora de Linguagens (IFBA - *Campus* Salvador) e Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística – UFAL/ e-mail: cati-rocha@ig.com.br

Resumo: Esse artigo é resultado do projeto "O humor no discurso religioso midiático", desenvolvido em 2011, no Grupo de Pesquisa Linguagens e Representações, CNPq, IFBA – Campus Salvador. O projeto se justifica no interesse em estudar a crescente presença da religião na televisão brasileira. Para atender as exigências atuais de veiculação, as igrejas apresentam propostas atraentes e reorganizam sua liturgia, visando conseguir com isso uma melhor eficiência na gestão do serviço e na divulgação do principal produto – a salvação. Buscamos, em nossa pesquisa, refletir sobre os efeitos de sentido do humor no discurso religioso na televisão – e de sua utilização como instrumento de luta ideológica. Para isso realizamos catalogação e análise do humor nos sermões do Programa de TV Vitória em Cristo, do Pastor Silas Malafaia, filiado à Igreja Assembleia de Deus. O quadro teórico em que nos situamos pauta-se nos pressupostos teóricos da Análise do Discurso de filiação pecheutiana, cujas bases epistemológicas nos subsidia uma leitura que parte da materialidade linguística, mas que não se limita a ela. Os resultados nos revelaram que o humor no discurso evangélico-pentecostal suaviza um discurso considerado "materialista", também autoritário, ríspido e, ao mesmo tempo, o transparece sacramentado e mais atraente, divertido, "leve", "a dor que não fere", o que garante a audiência e a submissão ao gesto de interpretação da graça e da Graça no limiar entre a ordem mundana e divina.

Palavras–chave: Análise do discurso; Discurso religioso; Humor; Mídia

INTRODUÇÃO

Por ser atrelado às ideias de comicidade, ironia, sarcasmo, ambiguidade, o humor torna-se desprezível nos discursos religiosos, ou seja, não caracteriza esse gênero, visto sempre como produto de seriedade, certezas, santidade, no qual não cabe contradição. "Os sentidos não podem ser quaisquer sentidos: o discurso religioso tende fortemente para a monossemia" (ORLANDI, 2009: 246). Dessa forma, o discurso religioso "busca anular a possibilidade de reversibilidade. Trata-se de um discurso onde não há espaço para o outro e, consequentemente, a polissemia tende a zero" (GRIGOLETTO, 2003:37). Entretanto, nota-se uma tendência atual cada vez mais frequente: a presença de humor nos discursos religiosos transmitidos pela TV, principalmente nos de fundamentação evangélico-pentencostal. Buscando compreender esse fenômeno, consideramos as condições em que se dá a produção do humor no discurso religioso, verificando como se dá o processo de constituição dos sujeitos. Para isso levantamos os temas alvos do humor no discurso religioso, evidenciando os motivos pelos quais se tornaram temas desse humor. Por fim, discutimos o funcionamento do humor como recurso argumentativo no discurso religioso midiático.

DISPOSITIVOS TEÓRICOS-ANÁLITICOS

A fonte para a construção do *corpus* é o Programa Vitória em Cristo (PVC), Ministério do Pastor Silas Malafaia, vinculado à igreja Evangélica Assembleia de Deus, maior representação nacional do movimento pentecostal. Essa instituição comemorou, em julho de 2011, 100 anos de implantação no Brasil, sendo uma igreja amplamente difundida e da qual se desmembraram inúmeras outras denominações. O Programa é exibido diariamente, em diversas emissoras de TV, entre as quais está o canal aberto Rede Bandeirantes de veiculação nacional. A representatividade do PVC no meio evangélico se pauta no histórico de 30 anos ininterruptos na televisão brasileira, com transmissão para redes internacionais nos últimos dois anos:

> No início de 2003, o Vitória em Cristo já era transmitido para parte da Europa. Depois ampliou sua abrangência sendo exibido também para os Estados Unidos e a Ásia na versão em português e legendada em inglês. Em 2005, eram 45

ISBN 978-85-62830-10-5
VII CONNEPI©2012

> milhões de lares alcançados pelo programa. Mas foi em 2010 que o sonho do pastor se tornou realidade. Em julho daquele ano, o programa ganhou a versão dublada em inglês e começou a ser transmitido para 127 países pela rede de televisão Inspiration. Seis meses depois foi feita uma nova parceria, o que permitiu exibir o Vitória em Cristo para mais de 200 nações pela emissora Daystar. (Revista Fiel, Ano 08, nº 84, maio de 2012, p. 07)

Com respaldo de transmissão internacional, o programa reforça a imagem de veículo de evangelismo mundial e torna-se uma potência missionária no meio evangélico. O programa Vitória em Cristo é uma produção da Associação Vitória em Cristo (AVEC) que promove também outros programas de TV, como o Programa Mulher Vitoriosa, organiza congressos evangélicos, escola de líderes evangélicos e eventos diversos.

O *corpus* se constitui em 30 horas de gravação das edições do Programa exibidas de 01 de julho a 07 de agosto de 2011, das quais foram coletados 23 trechos de sermões, com duração de 20 minutos cada trecho, conforme exibição diária pela TV. Nas quase 8 horas de sermões gravados foram identificadas 108 ocorrências humorísticas, marcadas expressivamente por manifestações de riso pelos presentes no auditório dos locais de gravação. Embora tenhamos ciência que o humor nem sempre se realiza a serviço do riso e que nem toda manifestação de riso é provocada por humor, consideramos esse fenômeno para identificar as ocorrências julgadas como humorísticas além das regularidades que as caracterizam.

Fundamentamos a investigação nos postulados de filiação teórica da Escola Francesa de Análise do Discurso (AD), cujo expoente apresenta-se na obra de Michel Pêcheux, da qual consideramos noções como condições de produção, formação discursiva, formação ideológica, interdiscurso, entre outras. O quadro teórico dessa filiação nos interessa pelo caráter político no tratamento das questões da linguagem, atreladas ao materialismo histórico e à psicanálise, diante da possibilidade de relacionar a determinação de classe e o inconsciente na formulação de uma teoria do sujeito constituído pela ideologia. Nesta perspectiva, o discurso se concebe "enquanto efeitos de sentido" e sabendo que os efeitos de sentidos são provocados nos dizeres, no modo como se diz e "assim como com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi" (ORLANDI, 2005, p.30), pensamos o modo como o discurso religioso evangélico-pentecostal, que se vale dos meios de comunicação como forma de evangelismo, se diz em sua materialidade, conforme as exigências de sua veiculação.

O FUNCIONAMENTO DO HUMOR

Para refletir sobre a significação do humor é preciso pensar em sua concepção, pois apesar de muito discutida na arte e nas ciências em geral, desde os filósofos até os dias atuais, ainda não é facilmente definida. Estudar o humor não é uma tarefa simples, a dificuldade se associa a sua formulação e a sua manifestação, pois não se restringe a um gênero específico nem a um modo fixo de expressão, é o que comenta Possenti (2010, p. 175):

> O humor, como a literatura, é um campo em que se praticam gêneros numerosos, da comédia à charge, passando pelas "crônicas" e narrativas, histórias em quadrinhos, tiras, pelas piadas e pela exploração humorística de numerosos outros tipos de textos (provérbios alterados, pseudoaforismos), "comédias em pé", programas de rádio e de televisão... Além de os gêneros humorísticos serem muito numerosos, pode haver manifestações humorísticas no interior de todos os tipos de texto (dos tratados aos ensaios, da Bíblia aos romances).

Não destacamos nenhum gênero humorístico, mas nos detemos à manifestação humorística, como lembra Possenti (2010), no interior do sermão religioso do PVC. Tratamos o humor, não apenas como texto que se mostra inteligente e logicamente construído, mas como materialidade discursiva, na qual se considera os efeitos de sentido de sua circulação e de sua emersão nos sermões da religião midiatizada.

Não há um consenso para a definição do que seria esse fenômeno intrigante da linguagem, o humor. Mesmo assim, nos pautamos nas abordagens mais pertinentes conforme nosso interesse teórico. Não pensamos o humor na perspectiva apontada por Raskin (1985), em sua teoria semântica do humor, na qual o humor é a súbita percepção de incongruência e/ou redundância. Embora o teórico

tenha lembrado-se que existem elementos além dos gatilhos semânticos necessários para sua deflagração, não os consideram em sua abordagem. Consideramos o humor por alguns postulados de Freud que o percebe como aquele que tem algo de liberador, mas não no sentido de "libertador". Entretanto, não nos aprofundamos nos estudos freudianos, visto que os mesmos centralizam-se mais na questão do prazer que o humor provoca e não precisamente nas condições de produção do humor.

Liberador enquanto aquele que "libera" a "dor". Conforme aponta Magalhães (2010, p.38) o humor é a "dor que não fere". É uma dor na medida em que libera sentidos que socialmente são silenciados, mas não rompe totalmente respeitando os limites impostos, por isso não provoca a úlcera, não fere. É dor porque quebra o silêncio, deixa escapar o inconsciente.

No caso do humor, o silêncio é duplamente fundamental, pois além de ser por ele que se concebe o humor, é nele que se formam as múltiplas possibilidades de sentido, "quanto mais falta, mais silêncio se instala, mais possibilidades de sentidos se apresentam". (ORLANDI, 2007, 47). O silêncio rompido pelo humor não é libertário porque serve também ao silenciamento, diz algo para "fazer calar" outros sentidos, em geral o riso após o humor é a expressão mais simbólica desse silenciamento. Ri para não falar, ri para calar aquilo que provocaria a ferida, senti-se a dor, mas não produz a úlcera.

Para tratar do humor pelo viés da discursividade, ou seja, enquanto materialidade discursiva, nos atentamos principalmente nas condições de produção deste. Para tal tarefa é preciso observar os efeitos de sentido desse humor, ou seja, o silenciamento, por isso ainda nos voltamos a Freud, em seu livro sobre o chiste, no qual há uma classificação em três grandes grupos de chistes. Possenti (2010, p.146) trata dessa divisão efetuada por Freud ressaltando que o critério de classificação é a capacidade de provocar prazer e descreve o primeiro grupo como o que se baseia no jogo de palavras, o segundo se baseia na rememoração de algo familiar, e o terceiro grupo se baseia nos raciocínios falhos, nos deslocamentos, nos absurdos.

Em toda tese freudiana é notório que a produção do humor não se resume aos recursos enunciativos, aos jogos linguísticos ou à técnica. No primeiro grupo de chistes, há de se observar que o jogo de palavra se efetiva pelo efeito de sentidos provocados pela substituição de uma palavra por outra ou pelo sentido produzido pelo som, o que envolve aspectos não apenas linguísticos, mas parte desses. Nos grupos dois e três há uma necessidade imediata de recorrer a aspectos como a memória, sobre isso se refere Possenti (2010, p.148) ao comentar o quanto uma explicação ou esclarecimento interfere na produção do sentido: "o discurso humorístico, nos diversos gêneros textuais em que se materializa, faz apelo a um saber, a uma memória".

Reconhecendo esses critérios na produção dos efeitos de sentido do humor, postulamos pelo viés da teoria do discurso, uma concepção de humor como efeito de sentido, produzido sob determinadas condições, que envolvem além das formações imaginárias o rompimento com uma regularidade de sentidos prevista para determinado enunciado. No entanto, o rompimento não acontece no nível do discurso, pois o efeito produzido, apesar de incompatível ao esperado, é acomodado no interior mesmo da formação discursiva: "A incompatibilidade dos elementos que poderiam levar à incongruência o texto, é, pois, reorganizada semanticamente pelo destinatário, dentro do discurso como um todo." (VOESE, 2009, p. 86)

Os efeitos provocados pelo humor se reorganizam, traz à tona um sentido silenciado, mas simultaneamente provoca o silenciamento, como um exercício para manutenção daquilo que é aceito socialmente, pois os sentidos que emergem pelo humor são os que compõem o complexo interdiscursivo. O humor acontece,

> é porque os elementos da sequência textual, funcionando em uma formação discursiva dada, podem ser importados (meta-forizados) de uma sequência pertencente a *uma outra* formação discursiva [grifo do autor] que as referências discursivas podem se construir e se deslocar historicamente. (PÊCHEUX 2011, p.158)

A quebra de uma expectativa que normalmente se cumpriria pela regularidade histórico-social prevista numa formação discursiva é o funcionamento do humor. Na teoria de Thomas Veatch (1998) esse rompimento é tratado como violação de uma normalidade. Para Veatch, o humor é um processo

no qual há aquilo que se assume como regularidade, há aquilo que se percebe como violação à normalidade e há a simultaneidade. O rompimento ou violação não apaga ou sobrepõe-se à normalidade, ou seja, apesar da violação, o discurso humorístico não promove um acontecimento discursivo, porque não provoca um sentido novo, mas um sentido oposto, contrário ao esperado.

Não há no humor o rompimento com uma formação discursiva para formulação de novos sentidos, pois os efeitos produzidos já existem no seu interior, só estão silenciados, portanto, mantém-se na normalidade mesmo numa situação em que há violação. A violação acontece sem comprometer a formação em que se identifica o sujeito do discurso, por isso Magalhães (2010, p.35) trata o humor como a dor que não fere: "uma violação às regras morais, éticas, sociais, religiosas etc. ocorre, mas, as coisas estão bem ou normais, nunca más".

Os efeitos de sentidos do humor trazem os sentidos contrários ao que a religião considera como "princípios". Não há uma produção de sentidos novos, mas um deslocamento dos sentidos contrários aos valores basilares do cristianismo, pois prega amor ao próximo, mas utiliza estereótipos preconceituosos para provocar o riso; da mesma forma, quando se propaga uma crença pentecostal e faz-se ironia sobre as manifestações típicas dessa crença.

O que conduz ao riso, como aponta Voese (2009: 85), "não é um traço comum no conjunto dos discursos que circulam na sociedade, fato que deve, pois, apontar na direção oposta ao convencional". A violação pelo humor não rompe, mas traz para o seu interior o discurso outro, o discurso oposto ao convencional da religião, nesse caso, o discurso "mundano".

Vejamos o funcionamento do humor em algumas sequências recortadas dos sermões exibidos no PVC que trazem como temática o discurso sobre as relações de gênero, sobretudo sobre a imagem da mulher. Começamos com a sequência do sermão exibido no dia 26/07/11:

Sequência 01:
Sabe que o cara é um maluco, é um doido destrambelhado, nada faz certo,
leva a vida numa valsa: "Vida leva eu, oiéaê..." (Risos)
É o gospel! Zeca Pagodinho Gospel (Risos)
Ê aleluia! Espírito Santo leva eeeeuuuu. É o gospel!
Aleluia! Leva pra onde Tu quiser! (risos)

Nessa sequência, o humor se formula no discurso sobre o casamento, sobre a escolha do cônjuge a partir dos sentidos sobre esse ritual naturalizado em nossa cultura. Para isso, usa-se uma metáfora como ilustração da tese apresentada pelo pregador, segundo a qual a mulher escolhe o parceiro por sua capacidade de utilização da linguagem, ou seja, os homens que falam bem ou se expressam melhor são os mais procurados. Entretanto, a mulher deixaria de observar outros atributos necessários para que um casamento tenha sucesso, sendo esses exigidos no convívio matrimonial.

Nessa figuração, simulada pelo sermão, é que a mulher se daria conta que se casou com "um Zeca Pagodinho gospel". A alusão ao cantor se constrói pela paráfrase a uma das suas músicas mais populares, cujo refrão é "Deixa a vida me levar, vida leva eu", ou seja, seria um homem que não se preocupa com as responsabilidades da vida, que não projeta o futuro ou não assume compromissos.

O humor se constitui nesse recorte trazendo à memória a imagem preconceituosa de mulher, ao discurso sobre a mulher "burra" em vários aspectos, não restringe ao intelectual, em especial trata a que não possui competência para escolha do companheiro. Esse estereótipo, muito comum no humor típico de piadas e outros gêneros, é o mesmo discurso que se materializa em outra sequência no sermão do dia 02/08/11:

Sequência 02:
Mulher pode ser eloquente
Eu tô dando a dica, irmã!
Pode ser eloquente, pode ser o que for, falar bem.
Mulher ocupa uma lábia, uma argumentação, mas anda igual a uma bruxa,
só falta a vassoura pá voar! (risos do público).

Pode ter a língua que você quiser pra falar, o homem não tá nem aí!

Nessa sequência, a mulher é mostrada como desorientada, aquela que precisa de orientação, precisamente masculina: *Eu tô dando a dica, irmã!* O que se mostra é que a mulher não é suficientemente inteligente, e mesmo aparentando inteligência, essa não teria muito valor no universo masculino, onde, segundo o pastor, o que mais importa é a aparência, como marca em: *Pode ser eloquente, pode ser o que for, falar bem (...) mas anda igual a uma bruxa, só falta a vassoura pá voar!(...) o homem não tá nem aí!*

Na história da religião cristã a mulher foi sempre considerada inferior ao homem, tida como responsável pelo pecado original, motivo de ridículo no humor. Com o movimento de emancipação feminina, tanto financeira quanto em outros setores, o quadro não mudou muito, mas as temáticas migraram de questões sobre infidelidade, prostituição, e demais que envolviam a moral, para questões que dizem respeito a não inteligência, não competência, uma das possíveis explicações a essa repaginação deve-se às conquistas da mulher no meio profissional e social.

Seguindo a posição de que a aparência deve ser mais importante, a figura da loira é evocada, trazendo à tona toda a questão do preconceito racial em nossa sociedade, pois a loira representa a etnia branca que historicamente mantém *status* social. Por essa razão há, nos espaços da moda e nos salões de beleza, o discurso de branqueamento, ou seja, incentivo as morenas a tornarem-se loiras, o que tornaria, no imaginário coletivo, uma mulher mais bonita, sedutora. Nessa configuração reaparece o discurso humorístico da "loira burra", que especificamente não se refere à loira "legítima", característica genética, mas a toda mulher dessa sociedade preconceituosa.

Recorreremos à continuidade da materialidade linguística para alcançarmos as marcas discursivas:

Sequência 03:
Aí vem uma outra, com todo respeito, não é preconceito.
Eu tô falando aí a brincadeira, a loira burra, como dizem alguns. Não tem nada a ver ser loira com ser burra, né? Aí nego diz é loira burra, nessas músicas ridículas que tem por aí.
Como se uma pessoa sendo loira ou morena vai ser burra, né verdade?
Aí os caras disse assim: [simula outra voz]
_ Essa mina aí é burra pra caramba, aê! Cada sete palavras, cinco é errada! Cada sete!
Mas, ela chega bonitinha, cheirosinha. O cara diz:
_ Meu Deus! (risos do público)
_ Isso é um avião! (Risos)
Ô, ele ouve pelos olhos! É um negócio interessante, isso.

Nessa sequência reconhecemos os estereótipos a respeito da imagem da mulher como burra ou feia, que se constitui pela memória de mulher como a que deve necessariamente agradar o homem, e não importa se intelectual, inteligente, deve ter uma aparência que atraia o sexo oposto. Esses estereótipos são mantidos na sociedade, principalmente pelos discursos religiosos, nos quais a mulher é tomada como submissa e dependente emocionalmente, fisicamente e socialmente.

A dependência emocional e a social da mulher são temas mais explorados na modernidade, visto que não se pode mais acentuar a dependência financeira, por conta da emancipação profissional feminina, apesar de sabermos que esta ainda existe, em atenção ao meio evangélico, pois a formação ideológica evangélica reforça a imagem de mulher como a responsável pelo lar, pelo casamento e pela educação dos filhos e a imagem do homem como líder e mantenedor, protótipo da família cristã.

Nas igrejas evangélicas mais tradicionais, como as pentecostais, esse discurso é sustentado pela ênfase em releituras de textos bíblicos como o de Provérbios, capítulo 14, versículo 1 que diz: "Toda mulher sábia edifica a sua casa; mas a tola a derruba com as próprias mãos". Assim, isenta os

homens das atividades da casa e de tudo que a envolve, responsabilizando a mulher pelo sucesso e/ou pelo fracasso quanto a essas tarefas.

Na sociedade atual, após ações legais e atos sociais com aparente objetivo de reparação às atrocidades cometidas no seu percurso histórico, principalmente contra os negros, mas também às mulheres, o preconceito revelado passou a ser criminalizado e gera punição ou mesmo desconforto para quem o expuser, o que faz com que, na sequência analisada, seja negado *(...) não é preconceito (..)* ou mesmo velado no uso de expressões que suavizam o sentido, eufemismos: (...) *com todo respeito(...) tô falando aí a brincadeira, a loira burra, como dizem alguns.* Mas se revela quando usa o termo *nego*, variação de negro, ao se referir aos que produzem músicas ridículas sobre loira burra, ou seja, um sentido depreciativo sobre o negro.

A negação do discurso preconceituoso também se manifesta com a ênfase na delegação da autoria a outros, ou seja, o enunciador afirma não se tratar de um texto seu, de produção pessoal. O que é observado pelas seguintes expressões: *como dizem alguns, aí nego diz, nessas músicas ridículas que tem por aí, aí os caras disse, o cara diz.*

A censura social aos discursos declarados preconceituosos, faz o locutor se pautar na não-autoria para não se responsabilizar pelos sentidos, "há formas sociais que mostram a relação do sujeito com as palavras e que regulam o princípio da autoria (o que supõe um sujeito visível e responsável pelos sentidos que produz num estado dado de uma sociedade)." (ORLANDI, 2007, p. 134).

Na ideologia cristã-machista preconceituosa cabe à mulher preocupar-se mais com a imagem, com o visual, e ao homem cabe ser mais dotado de habilidades com a linguagem, pois atrairiam o interesse do sexo oposto. Nesse sentido se reproduz toda a formação ideológica historicamente posta sobre as relações de gênero, o que também ocorre em piadas em geral, como aponta Possenti (2010, p.82): "Assim, as piadas sexistas, como, aliás, ocorre com as que se referem a outros domínios, não se caracterizam por veicular discursos novos, mas por explorar de forma específica discursos correntes – no caso, alguns estereótipos e fantasias".

A violação que produz o humor, nas sequências, é a reprodução dos sentidos "mundanos". Nega-se o mundo, porque "jaz no pecado", mas reproduz-se o preconceito ao inferiorizar a imagem da mulher. O discurso religioso evangélico pentecostal posiciona-se radicalmente ao negar o "mundo" como forma de construção de identidade. O apelo proselitista reforça que é preciso "nascer de novo", negar o mundo e ser uma nova criatura.

O funcionamento da negação se realiza pelo sim pressuposto no ouvinte, esse mecanismo é uma marca do discurso religioso, denominada por Orlandi (2009: 257), de "denegação: Então, a retórica do discurso religioso é a que se pode denominar retórica da denegação, ou seja, a negação da negação (...). Assim, o discurso religioso, para afirmar o que é positivo, deve negar o negativo, ou seja, deve negar o sim pressuposto, do homem, ao pecado (que é negação)."

A denegação, que é a negação ao pecado, ao "mundano", no humor não se processa, pois há uma equalização entre a formação discursiva evangélico-pentecostal e a oposta. Por isso é uma dor, mas não fere, os sentidos não rompem, mas associam as formações discursivas contrárias, no interior mesmo do discurso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mídia sobrevive do espetáculo, do *marketing*, do entretenimento. O Programa Vitória em Cristo, apesar de representar uma igreja radicalmente tradicionalista, a Assembleia de Deus, se atualiza segundo exige sua manutenção, para isso flexiona o dizer que aparentemente se suaviza na forma de brincadeiras e jogos de linguagem que provocam o riso durante seus sermões. As condições de produção do discurso religioso no PVC sustentam a emersão do humor, pois as relações imaginárias dos sujeitos permitem o "engraçado" na adoração, ou seja, se o pastor – representante legítimo – porta voz de Deus – faz graça, provoca o riso e rir também, porque o servo, submisso e obediente não rir com ele?

O humor nos sermões do PVC acontece, portanto, como fruto do processo de midiatização da religião evangélica pentecostal reproduzindo os sentidos da religião e da mídia, sem, entretanto, provocar sentidos novos. O pastor e os crentes continuam no mesmo lugar legitimado pela religião

mesmo quando fazem a graça, mesmo quando riem. O que provoca a graça e o riso não rompe com os princípios da religião, nem com os valores sociais propagados na televisão, mas os reproduzem e os unificam no mesmo discurso.

Compreendemos, então, o humor no Programa Vitória em Cristo nessa formulação, que provoca estranhamento, na medida em que associa o dizer da religião com o dizer da mídia que é o dizer do "mundo", e se é mundano é contra Deus, desaprova a Deus, tanto que até a década de 90 a televisão foi endemoniada pela igreja que a interpretava como mensageira do diabo.

A importância das imagens de riso do público no PVC é justamente porque produzem efeito de realidade e de verdade. Esses sentidos associam-se ao sentido de adesão que silenciam o percurso histórico de não aceitação do humor e da "endemonização" da televisão pelos assembleianos.

O humor revela o deslize, ou seja, o equívoco, pois nele se anula a "denegação", característica fundamental do discurso religioso. A denegação é a negação de tudo que nega a Deus ou a Cristo, nesse caso, o pecado, as práticas "mundanas". O humor não nega, mas reproduz o dizer "mundano".

REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA. Português. **A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição revista e corrigida. Sociedade Bíblica do Brasil. SP: CPAD, 1995.

FREUD, Sigmund. **Os chistes e sua relação com o inconsciente**. Obras completas.V.8. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

GRIGOLETTO, Evandra. **Sob o rótulo do novo, a presença do velho: análise do funcionamento da repetição e das relações divino/temporal no discurso da Renovação Carismática Católica**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

MAGALHÃES, Helena M. G. **Aprendendo com humor**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2010.

ORLANDI, Eni P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 5ª ed. Campinas: Pontes, 2009.

_____. **Análise de Discurso – Princípios e procedimentos**. 6ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

_____ . **As formas do silêncio: No movimento dos sentidos**. 6ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). Trad.E.P.Orlandi. In: GADET, F. & HAK, T. (orgs.) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1997.

_____. **Análise de Discurso: Michel Pêcheux**. Textos selecionados: Eni Puccinelli Orlandi. 2 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

_____. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 2.ed. Trad. E.P. Orlandi [et al.]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

POSSENTI, Sírio. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.

RASKIN, VICTOR. **Semantic mechanisms of humor**. Dordrecht, Holland: Reidel Publishing Company: 1985.

REVISTA FIEL. Ano 08. Nº 84. Rio de Janeiro: Ediouro Gráfica e Editora. Maio de 2012.

VEATCH, Thomas C. **A Theory of Humor**. Disponível em: http://www. tomveatch.com/else/humor/paper. Acesso em 05/10/11.

VOESE, Ingo. O discurso humorístico: um estudo introdutório. In: **Leitura**: revista do PPGLL: número temático: PPGLL, 20 anos/UFAL, PPGLL – FALE. N. 43/44 (Jan./jun.2009). Maceió: EDUFAL, 2009.